

PENSAR SOBRE A DISSIDÊNCIA. *INCONSCIENTE ESTÉTICO* DE JACQUES RANCIÈRE

Tânia SARMENTO-PANTOJA

UFPA

nicama@ufpa.br

Mais que campo de conhecimento, a estética se faz, sobretudo, campo da sensibilidade, no qual a arte se percebe e se concebe em movimentos de autoconstrução e reconstrução. E nesse processo os saberes oriundos dos diversos campos são evocados, agregados, suplementados, reorganizados. Ora, nesse processo valores e parâmetros outros podem entrar em vigor, novas formas de vida estéticas se apresentam, se amestçam, enquanto outros são deslocados para o limbo. As ideias de Jacques Rancière estão além da preocupação de como esses valores se constituem a partir de um amplo e complexo rescaldo estético. Esse recorte na verdade antecipa, ou antes, é produto do margeamento político. Como afirma Pellejero (2009, p. 20) no que concerne a deflagração do pensamento de Rancière:

a política não constitui simplesmente a luta pelo poder, mas implica sempre uma certa partilha do sensível, uma redefinição das formas de ver e organizar o real; isto é, começa a pensar a política como instituição de um tempo diferente, que pelo agenciamento do sensível pode dar visibilidade a coisas que não a tinham, e abrir assim um espaço onde a gente considerada apenas boa para trabalhar descobre em si uma potência para falar e atuar conjuntamente.

Esse dar visibilidade às coisas do sensível, observadas por Pellejero, movem o pensamento de Rancière em *O inconsciente estético*, livro publicado no Brasil pela Editora 34, em 2009, com tradução de Mônica Costa Netto. É preciso ainda dizer que pensar sobre a dissidência exige um pensar com dissidência e Rancière sabe fazer muito bem isso, sendo esse senão seu projeto filosófico, pelo menos o seu maior alvo.

Embora manuseie vários textos de Freud em que a arte se faz presente como parte da instrumentalização analítica, Rancière não está interessado em verificar como Freud utiliza os instrumentais teórico-metodológicos da psicanálise na análise dos textos literários ou quando realiza referências a textos de personagens literários na sua tarefa analítica. A preocupação do filósofo francês diz respeito, sobretudo, à pertinência dessa forma particular de interpretação analítica em relação à historicidade e aos diversos imaginários – social, estético, filosófico – que lhe serve de fundo; daí sua pergunta inicial em relação a esses textos freudianos: “a que servem de prova e o que lhes permite provar” (RANCIÈRE, 2009, p.70).

No trabalho de elaboração a essa resposta Rancière se concentra em nos mostrar que o pensamento, mesmo quando ainda na forma de “não-pensamento”, se infiltra na tessitura das coisas pensadas. Passam do in-sensível (não-sensível) a uma materialidade sensível. E, mais que isso, a ideia de que a produção do pensamento se inscreve na própria forma do pensar. Desse modo, os elementos dos textos estudados por Freud provam existir sentidos onde parecem não ter, porém – e o mais importante – há neles rastros, resíduos, enfim, uma “carga” do pensamento que os deu vida e que serve de testemunho, inclusive e principalmente, o testemunho sobre a dissidência de Freud em relação aos seus colegas de ciência positivistas.

Dentre as inúmeras observações de Rancière a respeito do trabalho de Freud destacamos que a dissidência evocada por Freud em relação às estruturas vigentes, no momento de sua produção, na verdade sempre estiveram lá, apenas não haviam sido vistas. E isso porque estavam ainda, segundo as reflexões de Rancière (2009, p.11), no domínio do “não-pensamento”, que ele define como ausência do pensamento e ao mesmo tempo presença de um pensamento que assim se faz como oposição a sua outridade (RANCIÈRE, 2009, p. 34).

A concentração no campo do sensível e, portanto, na estética leva Rancière a pensar sobre o papel da estética no pensamento de Freud. Ele igualmente pensa a estética, como um “modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte e que procura dizer em que elas consistem enquanto coisas do pensamento” (RANCIÈRE, p. 12-13). Desse modo, a estética está ligada à transformação do regime de pensamento.

Nesse sentido, a proposta analítica de Freud só é possível porque há uma transformação no regime de pensamento capaz de movimentar os elementos que estão no domínio do “não-pensamento” e passá-los ao território do “pensamento”. A essa presença do “não-pensamento” no pensamento Rancière chama-se de “pensamento inconsciente”.

Mas essa movimentação solicita do pensamento a fala. O objeto artístico carregaria assim o testemunho da fala distorcida, constituidora do não-pensamento, que se transforma em torção da fala vigente, ao se constituir como pensamento. O objeto artístico é assim ao mesmo tempo uma experiência com a linguagem e uma travessia em relação ao pensamento inconsciente que o gerou, aninhando no corpo que o compõe os cortes e giros epistemológicos que alimentaram esse pensamento inconsciente: “Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha é falante. Cada uma traz consigo, inscritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação” (RANCIÈRE, 2009, p. 35). A fala distorcida trabalha em função da exumação dos fósseis, dos resíduos revolvidos. Desse modo, o “poeta, geólogo ou arqueólogo” (RANCIÈRE, 2009, p. 38) faz o que faz o psicanalista freudiano: diz que o insignificante, o anódino, não existe e que “os detalhes prosaicos que um pensamento positivista despreza ou remete a uma simples racionalidade fisiológica são os signos em que se cifra a história”. Há resíduos no insignificante que o torna significativo, na medida em que a fala age tornando pensamento o que era antes não-pensamento.

Contudo, Rancière chama nossa atenção para a relação paradoxal contida nesse processo: os resíduos revelarão os segredos contidos em si desde que primeiro sejam objetos de uma mitologização ou fantasmagoria, ou seja, desde que o não-pensamento aí constituído se torne fala, e para isso, passe também por um processo de racionalização. Para Rancière o trabalho de Freud ilustra essa premissa.

Logo, temos, no tempo de Freud, um regime estético que valoriza os segredos a serem ditos pelos resíduos deixados pelas coisas do mundo. Mas, se assim se opõe ao regime do pensamento positivista, de um lado, propondo tratar a mente considerando os dados negligenciados pela medicina positivista; por outro, o inconsciente freudiano faz uso da racionalização, a partir do processo analítico, para domar elementos de

um universo até então avaliado como resistente à racionalização, apesar da psicanálise se contrapor a uma determinada ideia de ciência pregada pela mesma medicina positivista (RANCIÈRE, 2009, p. 43-44). E essa racionalização é possível porque há na “fantasia” uma “racionalidade profunda” (RANCIÈRE, 2009, p. 47). Para Rancière a ciência da psique é desse modo possível porque o regime de pensamento vigente naquele momento, apesar de intensamente fisiologista, deixa margem à relação entre ciência e superstição.

Os regimes de pensamento se definem desse modo pela relação com as práticas: eles são, afinal, aquilo que constitui o pensamento sobre as práticas mais o modo de visibilidade imposto a esse pensamento. É importante ressaltar aqui, seguindo Pellejero (2009, p. 24), que *O inconsciente político* faz parte de um rol de trabalhos¹ de Rancière dedicados à negação da modernidade como categoria crítica e a postulação e afirmação do conceito de “regime estético da arte”, como potência habitante de todos os seus objetos.

As coisas da arte são desse modo – também – coisas do pensamento. E a obra de arte testemunha assim o pensamento que lhe é imanente, mas também o pensamento outro, que se lhe opõe e lhe suplementa, como oposição. É desse modo que a arte possibilita a insurgência do “pensamento fantasmático” (RANCIÈRE, 2009, p. 47), o pensamento não oficializado ou não reconhecido como conhecimento, mas que ainda assim já é conhecimento.

Nesse sentido, Rancière também destaca que, ao contrário do que pode ser pensado, Freud não foi movido pelo desejo de desmistificar a arte, revelando as sublimidades nela infiltradas e, sim, solicita à arte que testemunhe acerca da racionalidade presente na fantasia. Referindo-se a Freud diz Rancière (2009, p. 51):

¹ Pellejero chama esse conjunto de “viragem estética”, do qual fazem parte: *Mallarmé: A política da sereia* (*Mallarmé, La Politique de la Sirène*, Hachette, 1996), *A carne das palavras* (*La Chair des mots: Politique de l'écriture*, Galilée, 1998), *A palavra muda* (*La Parole muette: Essai sur les contradictions de la littérature*, Hachette, 1998), *A partilha do sensível* (*Le Partage du sensible*, La Fabrique, 2000), *O inconsciente estético* (*L'Inconscient esthétique*, La Fabrique, 2001), *A fábula cinematográfica* (*La Fable cinématographique*, Le Seuil, 2001), *O destino das imagens* (*Le Destin des images*, La Fabrique, 2003), *Mal-estar na estética* (*Malaise dans l'esthétique*, Galilée, 2004), e *O espaço das palavras* (*L'espace des mots: De Mallarmé à Broodthaers*, Musée des Beaux Arts de Nantes, 2005).

Seu principal interesse, como disse, não é estabelecer uma etiologia sexual dos fenômenos da arte. É intervir na ideia do pensamento inconsciente que normatiza as produções do regime estético da arte, é por ordem na maneira como a arte e o pensamento da arte jogam com as relações do saber e do não-saber, do sentido e do sem-sentido, do *logos* e do *pathos*, do real e do fantástico.

Para finalizar, a noção de estética que chega a Freud se volta ao sentir e ao pensar como anteparo ao funcionamento interno da mente. E a sensibilidade se constitui sempre num campo de dissidência, é sempre uma ameaça às formas de poder constituída, principalmente se o pensamento que a envolve é um pensamento voltado à dissidência, ao desacordo, como é o caso do de Rancière, ex-discípulo de Althusser.

Nesse percurso, Freud ilustra muito bem o caminho que Rancière busca para constituir sua ideia sobre estética: reconhecemos aqui a dissidência como horizonte imediato, pois para Rancière a estética não é mais disciplina que aborda o Belo, e sim processo de ruptura intelectual em relação a uma ordem de pensamento, a partir da qual é possível fundar novas formas de pensar as relações entre arte e subjetividade.

REFERÊNCIAS

PELLEJERO, E. A lição do aluno: uma introdução à filosofia de Jacques Rancière. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/saberes>. Acesso em 22/11/2010. Originariamente publicado em Saberes, Natal/RN, v. 2, n.3, dez., 2009.